



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6172 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 09 - Currículo

"VOCÊS ESTÃO AÍ, PORQUE NÃO PARTICIPAM": A PRODUÇÃO DO SUJEITO MERITOCRÁTICO NO ÂMBITO DE UM GRÊMIO ESTUDANTIL

Amarildo Inácio dos Santos - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

“VOCÊS ESTÃO AÍ, PORQUE NÃO PARTICIPAM”: A PRODUÇÃO DO SUJEITO MERITOCRÁTICO NO ÂMBITO DE UM GRÊMIO ESTUDANTIL

Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado cujo objetivo foi cartografar currículos em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. A ancoragem epistemológica da investigação foi o pós-estruturalismo e a metodologia foi a cartografia inspirada em Deleuze e Guattari (2011).

Os movimentos cartográficos me possibilitaram, inicialmente, compor um mapa que deu a ver a existência de nove territórios existenciais na instituição pesquisada. Sendo impossível habitar todos eles, delimito a pesquisa e seleciono o grêmio estudantil, por ser o território que se mostrou mais consolidado. Por território existencial entendo um espaço no qual os sujeitos se sentem acolhidos e que pode ser pensado como sinônimo de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 1996), o que sugere que ele produz subjetividades. Assumindo que um território existencial opera na produção subjetiva, e, do mesmo modo, o currículo produz subjetividades (SILVA, 2007), fui levado às perguntas: há um currículo operando no interior do território existencial configurado pelo grêmio estudantil? Este currículo produz subjetividades? Quais subjetividades produz? Para responder às questões era preciso habitar o grêmio estudantil para cartografar as linhas molares e moleculares constitutivas de um tal currículo. Na esteira de Deleuze e Guattari (2012b), pode-se dizer que o molar é da ordem da representação e refere-se ao que está instituído, significado, já o molecular é da ordem do devir e introduz o movimento, a variação naquilo que se pretende fixo, verdadeiro, inquestionável.

Por um período de quatro meses engajei-me ao grupo e participei de todas as suas atividades registrando tudo em meu diário de campo que construí com registros escritos, vídeos, áudios e mapas que produzi. Fiz isto, porque entendo que “Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 135). A pergunta que me moveu como cartógrafo no interior do grêmio foi: currículos e rostidades, o que está acontecendo ali? Me interessava saber se o currículo do território

cartografado estava operando como máquina abstrata de rostidades.

Rostidade é um conceito formulado por Deleuze e Guattari (2012a). Trata-se de uma semiótica que sobrecodifica os corpos atribuindo-lhes significados que os implicarão em relações dicotômicas que estabelecerão hierarquias. A rostidade tem a função de reduzir a multiplicidade a dois polos que se antagonizam. “[...] se você não é nem branco nem negro, você é mestiço; se você não é nem homem nem mulher, você é travesti; a cada vez a máquina dos elementos binários produzirá escolhas binárias entre elementos que não entravam no primeiro recorte” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 151). Esta organização hierárquica resulta da instauração de um modelo a partir do qual a máquina abstrata detecta e sobrecodifica as desvios que são, assim, religadas ao modelo e, por isso, consideradas inferiores, pois “[...] se um sujeito, um comportamento, uma conduta ou uma prática não são os referentes, eles só podem ser avaliados de forma negativa” (PARAÍSO, 2010, p. 145).

As análises dos dados, amparados em referencial pós-estruturalista, sinalizaram a existência de um currículo específico funcionando no interior do grêmio estudantil. Também me permitiram argumentar que este currículo estava operando como máquina abstrata de rostidades imprimindo o que nomeei “rostidade participativa” nos membros do grupo. Ela é o modelo a partir do qual se engendra a organização binária que estabelecerá uma hierarquia que alçará alguns estudantes ao *status* de norma e manterá outros sempre em posição inferior. As características da rostidade participativa são: engajamento, responsabilidade, assiduidade, bom desempenho escolar e subordinação. Não por acaso, características inerentes ao sujeito desejado pelo currículo que “[...] quer um sujeito que lhe permita reconhecer-se nele” (CORAZZA, 2001, p. 15). Os estudantes que participavam ativamente das atividades do grupo eram incluídos como membros oficiais, os que prescindiam das qualidades inerentes à “rostidade participativa” eram também incluídos, mas como sócios, cargo criado para incluir aqueles que, no entendimento do grupo, não participavam a contento. De tal modo, a produção do currículo, operando como máquina abstrata de rostidades, engendrou a organização binária “membro oficial – sócio” no interior do grêmio estudantil. Os membros oficiais tinham privilégios em relação aos sócios, o que marcava mais claramente a hierarquia entre os dois polos deste binarismo. A partir do estabelecimento desta organização hierárquica, toda uma trama discursiva, marcadamente meritocrática, era mobilizada para justificá-la. Reforço que este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado. Assim sendo, me atarei a análise de um diálogo entre os integrantes (membros oficiais) do grêmio estudantil no qual é possível inferir uma trama discursiva meritocrática que visa justificar privilégios deles em relação aos sócios. Registrei o referido diálogo em áudio em uma das reuniões do grupo das quais participei e posteriormente o transcrevi.

O objetivo é problematizar a trama discursiva meritocrática de um grêmio estudantil. Para construir as análises recorro a autores pós-estruturalistas, notadamente Deleuze, Guattari e Foucault e a estudiosos do currículo. Optei por transcrever as falas dos estudantes em sua literalidade e atribui codinomes a eles para assegurar o anonimato.

Paulo: tem uma coisa importante que não pode ser confundida. Se nós formos convocados a participar de alguma coisa, os sócios podem ir. Agora, se nós vamos promover um passeio...

Heitor: não, aí é só...

Paulo: se nós vamos promover um passeio eles não podem ir, só os oficiais.

Raul: eles vão ficar mais por dentro da escola pra auxiliar no pau pra toda obra.

Paulo: exatamente, pau pra toda obra.

Sônia: é

Heitor: é eu acho que o dia que o grêmio tiver uma saída de sala na verdade acho que os sócios deveriam ficar pra representar o grêmio.

Sônia: tipo que eles são os serventes, nós os pedreiros [risos]...

Heitor: mais ou menos, mais ou menos. Tipo, nós os patrão, eles são funcionários.

Sônia: né? Nós somos os pedreiros e eles são os serventes, só carregam tijolo.

Paulo: não, não fala pedreiro, nós somos mestres de obra né?

Sônia: aiii, desculpa [risos].

Adriana: tu né? [risos]. Tu é o mestre de obras e nós os pedreiros.

Paulo: nós somos oficial então. Nós somos oficial e eles falsificados. Paranaué.

Heitor: Paraguai.

Paulo: os *paraguation* aí. Nós somos China e eles Paraguai. Vocês têm que botar isso na cabeça de vocês. Todo evento que a gente for elogiado vocês encham o peito e faz que nem garnisé.

Sônia: com certeza.

Paulo: nós é que somos o grêmio. Vocês são sócios.

Heitor: vocês são sócios, vocês não [risos].

Paulo: é pra eles sentir na pele, entende? Vocês estão aí, porque não participam.

Heitor: pra eles quererem se esforçar pra tentar participar.

Paulo: pra eles começar a se esforçar e dizer: poxa eu queria tá no lugar deles. Eu queria tá ali. Nós somos... é como se nós fossemos o terceirão do grêmio estudantil.

Heitor: por isso se tiver bastante sócio dos primeiros anos pra eles verem pra ano que vem eles quererem ser o que a gente tá sendo hoje, entendeu.

O diálogo acima transcrito permite fazer algumas inferências. Percebe-se que os estudantes que integram o grêmio estudantil como membros oficiais consideram que são o modelo a ser seguido pelos novos integrantes. Isto acontece porque foram sobrecodificados pela “rostidade participativa” produzida pelo currículo em funcionamento no âmbito do grêmio estudantil e que goza do *status* de norma. Esta é a rostidade elementar (DELEUZE; GUATTARI, 2012a), isto é, o modelo ao qual espera-se que todos os membros do grupo estejam conformes e que determinará também as desvianças marcando-as negativamente. Outra inferência que podemos fazer é a organização binária “membro oficial – sócio” engendrada pela instauração desta “rostidade participativa”. É possível, ainda, inferir que há claramente uma hierarquia entre membros oficiais e sócios. É precisamente sobre esta hierarquia que pretendo me deter neste momento. A hierarquia se estabelece porque a rostidade elementar, neste caso a “rostidade participativa”, corresponde ao sujeito desejado pelo currículo. Por desejar um sujeito, o currículo organiza uma seleção de conhecimentos, sentidos, valores objetivando produzi-lo discursivamente. “Um currículo é sempre uma *imposição* de sentidos, de valores, de saberes, de subjetividades particulares” (CORAZZA; SILVA, 2003, p. 55 grifo dos autores). Ao impor esta seleção, minuciosamente realizada, ele instaura o modelo a ser decalcado igualmente em todos os estudantes, ignorando suas singularidades. O resultado é a normalização, isto é, os indivíduos cujas características não coincidirem com as da norma serão discursivamente construídos como diferença que se opõe a esta norma curricular. Deste modo, a hierarquia é determinada pela confluência ou não aos ditames normativos curriculares instituídos cabendo à norma a posição de privilégio. A

exemplo da máquina abstrata de rostidades, o currículo institui um modelo e então detecta suas desvios assegurando que elas permaneçam localizadas no polo hierarquicamente inferior em relação a norma.

Deste modo, a diferença, constituída a partir do estabelecimento da norma, reforça o lugar normativo e perpetua a lógica binária que privilegia a norma curricular. Esta norma, no presente caso, é a “rostidade participativa” que foi discursivamente produzida e posteriormente reproduzida pelo currículo em funcionamento no território do grêmio estudantil redundando na organização binária “membro oficial – sócio”. Por estarem localizados no polo privilegiado desta organização binária, os membros oficiais, sobrecodificados pela “rostidade participativa”, sentem-se confiáveis para assumirem que são o modelo a ser observado e reproduzido na agremiação. Raciocínio que pode ser observado em passagens pontuais como: *se nós vamos promover um passeio eles não podem ir; só os oficiais; eles vão ficar mais por dentro da escola pra auxiliar no pau pra toda obra; Nós somos os pedreiros e eles são os serventes; Nós somos oficial e eles falsificados; nós é que somos o grêmio. Vocês são sócios.* Os membros oficiais demarcaram uma fronteira entre o “nós” (norma) e o “eles” (desviança) determinando quem de fato constitui o grêmio. O que lhes permite estabelecer esta fronteira é a assimilação dos traços da “rostidade participativa” que faz com que estejam no polo privilegiado da organização binária hierárquica.

No diálogo acima transcrito, os jovens discutiam sobre a possibilidade ou não de os sócios poderem acompanhar o grêmio em saídas da escola para passeios organizados pelo grupo. No decorrer da discussão é possível extrair o raciocínio meritocrático de que somente os membros oficiais poderiam participar dos passeios. Os estudantes chegaram a este consenso a partir da ideia de mérito que, por sua vez, está relacionada à “rostidade participativa”. Têm mérito os estudantes que participam de acordo com o que se espera deles. Penso que se faz necessário conceituar meritocracia e para isso recorro a Young (1994), criador do termo. Em linhas gerais, meritocracia refere-se à capacidade que os indivíduos têm de obter sucesso unicamente com seus próprios esforços, independentemente das condições externas. A ideia de meritocracia está presente nas falas dos membros oficiais que relacionam seus privilégios em relação aos sócios com sua participação ativa na agremiação. O raciocínio é: nós participamos, por isso merecemos passear. Eles não participam, então não devem ter este privilégio concedido.

A negação do privilégio de saídas em passeios para aos sócios exerce dupla função: estímulo e punição. Estimula todos os estudantes a se alinharem aos contornos da “rostidade participativa”, assumindo suas feições. Ao mesmo tempo, pune aqueles que, em vez de se deixarem sobrecodificar por esta rostidade, afirmam sua singularidade, sua diferença. Essa dupla função se observa em passagens como: *é pra eles sentir na pele, entende? Vocês estão aí porque não participam; pra eles quererem se esforçar pra tentar participar; pra eles começar a se esforçar e dizer poxa eu queria tá no lugar deles; pra eles verem pra ano que vem eles quererem ser o que a gente tá sendo hoje.* A frase: vocês estão aí, porque não participam é bastante simbólica porque simultaneamente comunica que nós estamos aqui, porque participamos, ou seja, porque merecemos. E merecem porque estão em conformidade com os traços da “rostidade participativa”, o modelo que o currículo produziu e visa decalcar.

Os membros oficiais produzem e fazem funcionar uma trama discursiva sustentada na ideia de meritocracia que também visa justificar os privilégios que eles gozam em relação aos sócios. Isto sinaliza a presença de uma mentalidade marcadamente neoliberal na qual cada indivíduo se torna empresa de si, como aponta Foucault (2008b), e é responsável por suas próprias conquistas e fracassos. Nesta perspectiva, tudo depende do esforço individual. Assume-se, portanto, que o plano sobre o qual este esforço será feito é o mesmo para todos e, por isso, todos partem do mesmo lugar e têm as mesmas condições e oportunidades, o que é

uma falácia que contribui para reforçar desigualdades.

Ao longo dos quatro meses em que estive com o grupo, pude perceber que vários estudantes gostariam de participar mais ativamente das atividades do grêmio estudantil, todavia, moravam distante demais da escola e não tinham como se locomover. Outros, apesar da pouca idade, já precisavam dividir seu tempo entre a escola e o trabalho. De tal modo, sua participação no grupo não deveria ser comparada a dos estudantes que se dedicavam exclusivamente à escola, mas tal análise não era feita pelos membros oficiais que tomaram a si mesmos como modelo, como a rostidade elementar. O raciocínio meritocrático manifestado pelos membros oficiais não levava as singularidades dos estudantes em conta, pois considerava que todos tinham as mesmas chances e oportunidades de exercer a participação ativa no grêmio, caso se esforçassem, conforme a fala a seguir: *pra eles quererem se esforçar pra tentar participar*. A esse discurso meritocrático se somava a seleção de conhecimentos, saberes, sentidos, valores etc., que convergiam para a constituição de um currículo em funcionamento no interior do grêmio estudantil. Este currículo construía seus membros como sujeitos merecedores ou não de alguns privilégios, dos quais a saída para passeios é apenas um, tomando como única unidade de referência a “rostidade participativa” que ele mesmo produziu, o molde.

É importante ressaltar que o currículo, quando considerado em sua concepção pós-crítica, configura um determinado discurso (SILVA, 2007) que não apenas fala sobre os sujeitos, não somente os classifica em oposições binárias, mas efetivamente os produz para então organizá-los hierarquicamente. Isto porque, nesta perspectiva, os discursos produzem os objetos sobre os quais falam (FOUCAULT, 2008a). Assim, ao produzir a “rostidade participativa” e alçá-la ao status de norma, o currículo não apenas fala sobre estudantes participativos e merecedores de privilégios, ele os produz.

O discurso meritocrático desloca a responsabilidade pela não obtenção do privilégio do passeio para os sócios ao se materializar no seguinte raciocínio: se eles não conseguem se tornar membros oficiais do grêmio estudantil é porque não se esforçam o suficiente. Logo, não merecem gozar dos privilégios inerentes a esta posição na agremiação. O que revela a estreita relação entre mérito e poder, marca registrada da meritocracia, conforme assinala Young (1994).

Os traçados cartográficos me permitem argumentar que o currículo cartografado no âmbito do grêmio estudantil operava como máquina abstrata de rostidades instaurando a “rostidade participativa” como norma. A partir da instauração desta norma uma trama discursiva caracterizada pela ideia de meritocracia se organizava produzindo sujeitos meritocráticos que reproduzem a racionalidade meritocrática em suas práticas. Isto sinaliza que, a despeito de o grêmio estudantil configurar um espaço democrático, no seio do qual os estudantes podem se organizar e fazer ouvir suas demandas, formular proposições, reinventar o currículo e até mesmo inventar currículos outros, o currículo escolar insere suas molaridades naquele espaço e converte-o em uma extensão de si mesmo mobilizando-o para a produção dos sujeitos por ele demandados na contemporaneidade neoliberal. Sujeitos dóceis, úteis, participativos e meritocráticos.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Grêmio Estudantil. Meritocracia. Rostidades. Subjetivação.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 32-51, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?** pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CORAZZA, Sandra; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011. v. 1

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012a. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012b. v. 5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2008b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo entre a busca por "bom desempenho" e a garantia das diferenças. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva e SANTOS, Lucíola (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: currículo, ensino de educação física; ensino de geografia; ensino de história; escola, família e comunidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 132-152

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

YOUNG, Michael Dunlop. **The rise of the meritocracy**. London: Transaction Publishers, 1994.